

OPINIÃO

Sinal vermelho nas estradas: frota envelhecida e falta de caminhoneiros no transporte rodoviário do Brasil

Roberto Pansonato

Professor do Centro Universitário Internacional - Uninter

Mesmo com alguns investimentos do governo federal em infraestrutura logística, sinais de alerta estão piscando sobre o setor de transportes, principalmente no modal rodoviário.

O primeiro alerta refere-se à idade avançada da frota de caminhões no Brasil. Esse fato é facilmente perceptível ao observar as rodovias País afora, onde é comum a presença de caminhões antigos, emitindo fumaça preta, misturados a poucos veículos mais novos.

Com o custo logístico mais elevado entre as maiores economias do mundo, o Brasil enfrenta um encarecimento em cascata que afeta desde o frete até a prateleira dos supermercados. Dados do Instituto Ilos revelam que

a logística consome 15,5% do PIB nacional; desse montante, mais da metade (8,55%) é absorvida pelos transportes. Diante desse peso financeiro, a renovação da frota de caminhões torna-se uma solução estratégica e inadiável.

A frota brasileira de caminhões possui, em média, 15 anos de uso, sendo que, entre os motoristas autônomos, o tempo médio supera 22 anos, de acordo com dados da Confederação Nacional dos Transportadores Autônomos (CNTA). Veículos mais antigos demandam manutenções mais frequentes e complexas, elevando o tempo de inatividade.

Além disso, devido à defasagem tecnológica dos motores, o consumo de combustível tende a ser maior, resultando em maior custo por quilômetro rodado e aumento na emissão de poluentes. Soma-se a isso o fato

de que a defasagem tecnológica, especialmente nos sistemas de frenagem e estabilidade, elevam o risco de acidentes, colocando em perigo motoristas e usuários das rodovias.

Algumas iniciativas de renovação da frota começam a surgir no horizonte, como o programa "Move Brasil", lançado recentemente pelo governo federal. Segundo a secretaria de Comunicação Social da Presidência da República, o BNDES disponibilizou R\$ 10 bilhões em crédito subsidiado, sendo que desse total, R\$ 1 bilhão são reservados exclusivamente a caminhoneiros autônomos e cooperados, que representam a frota mais antiga em circulação.

O segundo sinal de alerta no setor de transportes está relacionado ao chamado apagão de caminhoneiros. Somado ao enve-

lhimento da frota, o aumento da idade média dos motoristas profissionais, que atualmente está entre 46 e 50 anos, sinaliza um risco iminente de colapso logístico. Segundo dados da ANTT e da União Internacional dos Transportes Rodoviários (IRU), o desinteresse pela profissão é impulsionado por baixos salários, jornadas exaustivas e insegurança.

O impacto estatístico é severo: enquanto o País operava com uma base de cerca de 3,5 milhões de condutores profissionais em 2014, o volume de motoristas ativos registrados encolheu para aproximadamente 1,3 milhão em dez anos, uma redução drástica que desafia a capacidade produtiva nacional.

A combinação entre a aposentadoria gradual dos motoristas e a baixa atratividade da profissão pressiona os salários e,

consequentemente, eleva os custos do frete. Considerando que cerca de 60% das cargas no Brasil dependem do modal rodoviário, a escassez de profissionais pode comprometer o abastecimento nacional.

Evidentemente, existem outros sinais de alerta, como os gargalos logísticos nas rodovias que atendem grandes centros urbanos e os principais portos do País, os quais também demandam atenção. Todos esses pontos refletem decisões estratégicas do passado, quando o modal rodoviário foi priorizado em detrimento de alternativas como o ferroviário.

Nesse contexto, o investimento consistente em infraestrutura logística e na efetiva multimodalidade, que se torna essencial para que o Brasil consiga superar o impasse no qual se encontra.

Sindiatacadistas RS
Sindicato do Sistema Comércio

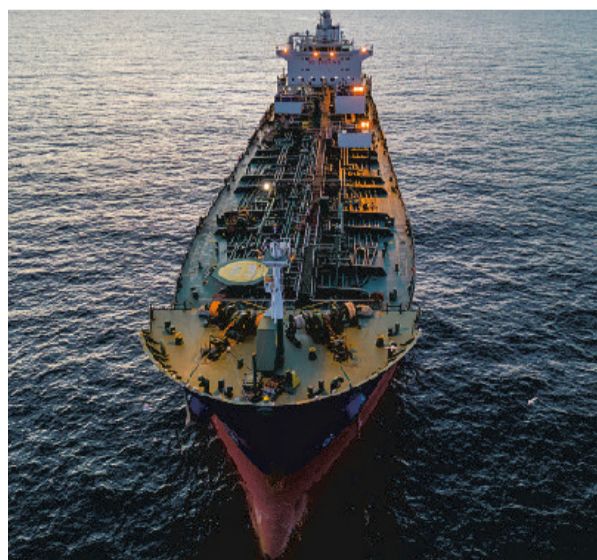
SIGA NOSSAS MÍDIAS SOCIAIS E FIQUE LIGADO NAS NOVIDADES:
SINDIATACADISTAS.COM.BR @SINDIATACADISTASRS SINDIATACADISTAS /COMPANY/SINDIATACADISTAS

GUERRA NO IRÃ IMPACTA PREÇOS DOS GÊNEROS ALIMENTÍCIOS NO RS

Os desdobramentos da Guerra no Oriente Médio, envolvendo os Estados Unidos, Israel e Irã, atingindo especialmente as cotações dos derivados de petróleo, somando-se aos juros altos e à pressão inflacionária, estão se refletindo sobre os preços dos alimentos, segundo avalia o Presidente do Sindicato do Comércio Atacadista de Gêneros Alimentícios de Porto Alegre, Carlos Cezar Schneider. Salienta também o dirigente que toda a cadeia logística está sendo afetada em função do conflito, prejudicando e elevando os preços da distribuição de alimentos pelas empresas associadas. Em consequência, ocorre diminuição dos volumes de vendas de produtos com incremento de seus custos e geração de resultados insatisfatórios.

Destaca o Presidente do Sindicato, igualmente, que as medidas de apoio financeiro do governo visando reduzir os custos dos combustíveis, apesar de pequenas, contribuem para amenizar os efeitos negativos de tal contexto na cadeia logística de distribuição do comércio atacadista de alimentos. Mas mesmo assim, o comércio setorial está plenamente suprido.

Schneider manifesta sua expectativa de que o problema da elevação dos combustíveis não venha a prejudicar o agronegócio do Rio Grande do Sul e de que a safra de 2026 não venha a ser afetada pela eventual ocorrência de nova estiagem.



Jornalista Responsável: Valter Todt

PROGRAMA

Qualificar

Confira a agenda do Programa Qualificar para 2026:

06/05 - Produtividade sem autossabotagem: como alinhar comportamento e emoção para melhores resultados no atacado

12/05 - Workshop Golpes Digitais: como não cair em Armadilhas Online

13/05 - Técnicas de Resolução de Problemas: do diagnóstico à solução

14/05 - Clareza emocional para alta performance no trabalho

26/05 - Gestão de Crise: como enfrentar denúncias sensíveis e proteger a imagem reputacional da empresa

Leia o QR code para acessar a programação completa em nosso site:

